



IV SÉRIE  
VOLUME III  
Trimestral  
750\$00

# Arte Musical

JUVENTUDE  
MUSICAL  
PORTUGUESA

Nº 12

Julho | Setembro 1998



IV SÉRIE  
VOLUME III



N.º 12

Julho | Setembro 1998

REVISTA DE  
**ENSAÍSMO,  
NOTICIÁRIO  
E  
CRÍTICA**

Propriedade da  
**JUVENTUDE  
MUSICAL  
PORTUGUESA**

Directora:  
**Helena Rodrigues**  
Directora Adjunta:  
**Sara Monteiro**  
Redactor Principal:  
**José João Leiria**

Na capa:  
**Michael Zilm**



**JUVENTUDE  
MUSICAL  
PORTUGUESA**

## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	4
<b>MICHAEL ZILM, A ARTE DE BEM DIRIGIR TODA A MÚSICA</b> por António Jorge Marques e Helena Rodrigues .....	5
1958-1998: 40 ANOS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGUAL por Sérgio Azevedo .....	19
O MISTÉRIO DA FILARMONIA TESTEMUNHOS PARA UM "PROCESSO-CRIME" PÓSTUMO por Sidónio de Freitas Branco Paes .....	46
HISTÓRIAS DA MÚSICA .....	101
INTERPRETAÇÕES .....	102
MÚSICOS JOVENS .....	104
ACONTECIMENTOS MUSICAIS .....	107
CRÍTICA .....	129
NOTICIÁRIO .....	146
AGENDA MUSICAL .....	150

### ARTE MUSICAL

#### Ficha Técnica

Publicação Trimestral  
N.º 12 \* Julho/Setembro de 1998  
Preço deste número: 750\$00  
Assinatura anual: 2500\$00

Directora: Helena Rodrigues  
Directora Adjunta: Sara Monteiro  
Redactor Principal: José João Leiria

Colaboraram neste número:  
André Cameron, António Gonzalez, António Jorge Marques, Cristina Fernandes, Filipe Carvalheiro,  
Francisco Monteiro, José Atalaya, José Mesquita Lopes, Manuel Pedro Ferreira, Maria Elisabeth Lucas,  
Maria Helena Vieira, Mário Vieira de Carvalho, Sidónio Paes, Sérgio Azevedo, Teresa Cascudo

Assistente de produção: João Borges de Azevedo

Ilustrações: H. Mourato

Design: B2, Atelier de Design: Salette e José Brandão

Revisão: Catarina Latino

Secretária: Clárisse Santos

Redacção e Administração: Rua Rosa Araújo, 6, 3.º  
\* 1250 Lisboa \* Tel. (01) 357 31 31 \* Fax. 354 33 30  
Propriedade da Juventude Musical Portuguesa  
Internet: juv@mail.telepac.pt

Pré-impressão e Impressão: Textype - Artes Gráficas, Lda.  
Estrada de Benfica - 212-A - 1500 Lisboa

Tiragem: 3000 exemplares  
Depósito Legal N.º 92 421/96 SGMJ / NEROCS 100 592  
JMP 200 591

Correio Editorial

**E**ra uma vez um menino, tinha cinco anos, cabelos clarinhos, um pouquinho gorduchinho e, tal como todas as crianças, corria, tropeçava, ria. Tinha cinco anos e fez um desenho. Levou o punho ao papel, riscou, forçou a folha. Apareceram traços. E depois, o lápis e o papel portaram-se como reagentes químicos nas mãos de um Aladino. Mas, por acaso, o menino chamava-se Michael. Tinha cinco anos, e modelava, em rabiscos, sonhos de menino e a vida própria que habita as folhas de papel cavalinho. Fez um boneco. O menino, de cinco anos, brincou com o rasto dos lápis de cor e então os rabiscos pegaram nele, e intrometeram-se com a vontade e os sonhos e o destino do boneco. E pegando nas mãos do menino, de cinco anos, o boneco seguiu a vontade dos traços, do papel cavalinho e dos lápis de cor. Depois, por mera iniciativa das vontades circulantes ou por cumprimento dos destinos que pairam à roda dos desenhos das crianças de cinco anos, surgiu uma figura de dança viva no plano do papel. E todos viram que o que lá estava era, afinal, um maestro.

O desenho, esse, não se sabe, terá ficado guardado num álbum de memórias ou apenas na memória. O certo é que, um dia mais tarde, a figura espalmada se fartou da pose deitada a que obrigam as folhas de papel cavalinho. Soergueu-se, então, e foi intrometer-se na vontade e nos sonhos do antigo menino. Completou-lhe o nome, chamou-lhe Zilm. E não mais o largou, porque as figuras desenhadas são terríveis: quando se levantam do papel cavalinho para andar por aí é porque estão mesmo decididas a tornarem-se naquilo que pensam que são. Sabe-se que, nas mãos dos meninos, quando desenha, o destino fá-lo com dedos de véu. Por isso, quando estas coisas sucedem com desenhos de menino nas mãos do destino – ainda que o parto das figuras e dos bonecos pareça coisa pura e leve – o caso torna-se sério.

Caro leitor, esta é apenas uma das histórias que poderá deixar-se ouvir a partir da entrevista a Michael Zilm apresentada neste número da *Arte Musical*. Por lapso, ficaram de fora indiscrições acerca de carrinhos de corda e filas de soldadinhos de chumbo. (No meu imaginário, na infância de todos os maestros tem que haver – ou então não pode haver – brincadeiras com objectos de animação.) Terei, entretanto, que revelar o perturbador silêncio que se seguiu a algumas das questões formuladas. Absolutamente cúmplice com a demonstração de um tempo vivido, realmente, no domínio da percepção e dos sentidos. Suave estranheza a do silêncio quando sobre um tempo de ordem musical: silêncio táctil, concêntrico, espacial.

Só uma criança, a folha de papel cavalinho, o papel branco, podem fazer da Música um desenho ouvido em tela de silêncio... Só esta estranha proximidade entre o som e a sua ausência pode fazer pensar que há mística bastante em acreditar que não faz falta escutar coisa alguma. Tínhamos, pois, que lhe dar título de infante. ● HELENA RODRIGUES

## MICHAEL ZILM

A Arte de bem Dirigir toda a Música



O maestro, num ensaio com a Orquestra Gulbenkian

**D**o alto dos seus quase dois metros, Michael Zilm é não apenas grande mas também imponente, com uma presença dada a mudanças súbitas de humor. Nascido em 1957, as suas feições quase adolescentes, recortadas por uma melena loira e em desalinho, são amiúde atravessadas por um sorriso desconcertantemente traquina. O traço dominante e invulgar da sua figura é, no entanto, a determinação, a mesma que em finais dos anos 70 impressionou de tal maneira Herbert von Karajan que o levou a aceitá-lo como assistente, apesar de não ter qualquer formação em direcção de orquestra.

Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian desde 1994, dirigiu em Abril passado o Concerto para Viola de Schnittke e a 2ª Sinfonia de Bruckner, e em Maio, durante os Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea, duas obras de Mauricio Kagel (primeiras audições em Portugal) e a estreia absoluta de *A Cidade Eterna* de João Pedro Oliveira. Foi na manhã de 17 de Abril, dia do habitual concerto de sexta-feira na Fundação Gulbenkian, que Michael Zilm, num inglês entrecortado por algumas palavras em alemão, falou de si próprio, da Orquestra Gulbenkian, de música (claro), e dessa muitas vezes misteriosa e incompreendida profissão de Maestro.